

LINO DE ALBERGARIA

Ilustrações de MARCO ARAGÃO

Miguel e o Sexto Ano

*Selecionado para o
PNLD-SP/2004*



7ª edição
Conforme a nova ortografia

 **Editora
Saraiva**

Editor: ROGÉRIO GASTALDO

Assistente editorial: ELAINE CRISTINA DEL NERO

Secretária editorial: ROSILAINE REIS DA SILVA

Suplemento de trabalho: ROSANE PAMPLONA

Coordenação de revisão: LIVIA MARIA GIORGIO

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Projeto gráfico e diagramação: ESEL MOREIRA
GUIMARÃES

Produtor gráfico: ROGÉRIO STRELCIUC

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Albergaria, Lino de

Miguel e o sexto ano / Lino de Albergaria ; ilustrações Marco Aragão. — 7. ed. — São Paulo : Saraiva, 2009. — (Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-08217-5

1. Literatura infantojuvenil I. Aragão, Marco. II. Título. III. Série.

02-3221

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantojuvenil | 028.5 |
| 2. Literatura juvenil | 028.5 |

10ª tiragem, 2017



SARAIVA Educação Ltda.

Avenida das Nações Unidas, 7.221 – 2º andar

CEP 05425-902 – Pinheiros – São Paulo-SP

SAC

0800-0117875

De 2ª a 6ª, das 8h às 18h

www.editorasaraiva.com.br/contato

Todos os direitos reservados à Editora Saraiva

CL: 810060

CAE: 571354

Para Ricardo Decat

1 Não estou com a menor vontade de me levantar da cama hoje. Queria esconder a cabeça debaixo do travesseiro. Queria que o tempo andasse ao contrário, que esta manhã escurecesse outra vez, que hoje fosse de novo ontem. Eu ainda estaria em férias, mas meu último dia de férias foi tão aflito. Eu sabia que era o último dia. Queria mesmo é voltar para o ano passado, voltar para o quinto ano, para minhas aulas à tarde...

Daqui a pouco minha mãe vem me chamar. Para eu vestir o uniforme, tomar meu café e seguir para lá! Gostaria de estar doente, com febre, e não sair desta cama! Quando comprou o uniforme novo, minha mãe notou que eu cresci. Eu mesmo tive de perceber. Minhas pernas estão maiores, meus braços mais compridos, minhas camisetas velhas já estão apertadas. Droga, eu não estou querendo crescer tanto! Por que meu corpo não continua igual? Por que o tempo tem de passar tão depressa?

— Miguel! Está na hora, deixa de preguiça...

Ela entrou e veio abrir a janela do quarto. Mamãe não imagina que estou acordado há horas, não sabe que quase não dormi esta noite. Porque tenho certeza de que esta manhã será o maior pesadelo, um pesadelo que eu vou viver acordado.

A luz do dia bate no meu rosto. Tento puxar o lençol sobre mim, para me proteger. Mas ela o arranca de minha mão.

— Levanta, mocinho!

Mocinho? Não queria ouvir minha mãe me chamando assim. Sei que sou bem grandinho já, mas custava me dar um beijo, um abraço, me encorajar para enfrentar meu destino?

Caminho até o banheiro. Paro um pouco de esfregar os dentes com a escova para olhar minha cara no espelho. Quem sou eu hoje? Um garoto empurrado para o futuro. E o futuro se chama sexto ano. Tem esse gosto de café mal adoçado e de pão mal mastigado que embola na garganta.

É um dia de verão. O céu deve estar azul. Poderia perceber, caso olhasse para cima. Mas nem arrisco um olhar pela janela, o vidro do carro fechado. E minha mãe ainda está cantando, junto com o rádio! Como ousa cantar? Será que



não percebeu como estou quieto? Será que não entendeu que eu não queria ir?

Então ela para o carro e me manda sair rápido.

— Não posso parar em fila dupla.

Obedeço e me arrasto para a rua. Acho que ouvi a voz dela. Agora, está buzinando. Olho para trás. Minha mãe está me mandando um beijo. Mas logo arranca o carro e um outro já está parando onde ela estava.

Daí que eu olho para a frente e vejo aquele portão aberto. Mal acredito que meus próprios passos estão me levando lá para dentro...

2

— O quê? — A mulher tem uma voz ríspida. Saquei que é a faxineira. Fui até ela, porque estou habituado com as faxineiras. A do quinto ano gostava de brincar comigo. Mas para esta tanto faz se eu existo ou não.

Eu mesmo percebo minha voz hesitar, parecendo que eu quero engolir as palavras.

— A sala do sexto ano?

Dessa vez ela consegue me entender. Mas nem por um momento se volta para mim.

Finalmente resolve tomar uma atitude. Olha em volta, parece pensar um pouco e se digna a apontar com o dedo, enquanto continua varrendo o chão. Sigo com o olhar a direção do dedo e percebo uma porta aberta, a primeira do corredor. Felizmente é a primeira. Não vou ter de andar muito, nem ser olhado pelos que estão nas outras salas. Tenho a sensação de que sou o menor de todos ali. No corredor, garotos e garotas ficam parados, conversando, mas felizmente todos se concentram depois da primeira porta. Alguns entram nas outras salas. Não vejo ninguém entrando na primeira porta. Será que sou eu o primeiro?